

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**José Roberto Camargo de Souza**

**Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira”**

**Escola Técnica Estadual Bento Quirino**

**Campinas/SP**

**2021**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador / Instituição: Américo Baptista Villela / Centro de Memórias “Orleide A. Alves Ferreira, Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

SANTOS, Carlos Alexandre B. Plínio dos – Redes e interações: A formação do Movimento Negro e do Movimento Quilombola no Mato Grosso do Sul, Série Antropológica, 451, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Brasília, 2015. Disponível em [http://dan.unb.br/images/doc/Serie Antropologia 451.pdf](http://dan.unb.br/images/doc/Serie_Antropologia_451.pdf), Acesso em 23 ago. 2021.

BATISTONI, Duílio – **Aspectos Arquitetônicos da Igreja de Nossa Senhora das Dores**, publicado na página do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Campinas, em 16 de julho de 2020. Disponível em <https://ihggcampinas.org/2020/07/16/aspectos-arquitetonicos-da-igreja-de-nossa-senhora-das-dores/>, Acesso em 23 ago. 2021.

MATOS, Silivia Basílio **Ensino de Artes Plásticas em Campinas**. Publicado em 1988 – Campinas – São Paulo. Disponível em <http://silviamatos.art.br/novo/index.php/1460-2/>, Acesso em 23 ago. 2021.

Diário Oficial do Estado de São Paulo de 02 de abril de 1952, “*FOI DECLARADO COMPETIR MAIS A SEXTA PARTE DOS RESPECTIVOS VENCIMENTOS, NOS TERMOS DO ARTIGO 98, LA CONSTITUICA \* DO ESTADO, DE 9-7-1947. AOS FUNCIONARIOS ADIANTE MENCIONADOS, POR HAVEREM PROVADO CONTAR COM 25 ANOS DE EFETIVO EXERCÍCIO*” “*JOAQUIM OLAVO SAMPAIO, PROFESSOR (DESENHO) QM PP \* 11 \*\* PADRAO \*K\* DA ESCOLA TECNICA "BENTO QUIRINO DE CAMPINAS"*. Disponível em:

[https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento\\_11\\_4.aspx?link=%2f1952%2fexecutivo%2fabril%2f02%2fp1%2fpag\\_0003\\_3UE7UI6RPEA6Se7HSAP5QQS6HK\\_C.pdf&pagina=3&data=02/04/1952&caderno=Executivo&paginaordenacao=100003](https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1952%2fexecutivo%2fabril%2f02%2fp1%2fpag_0003_3UE7UI6RPEA6Se7HSAP5QQS6HK_C.pdf&pagina=3&data=02/04/1952&caderno=Executivo&paginaordenacao=100003)

Acesso em 23 ago. 2021

Elaboração do roteiro da pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: On line

Data: 22 de abril de 2021

Técnico de gravação: Zoom Meeting

Duração: 32 minutos e 6 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor Américo Baptista Villela

Número de páginas: 13

### **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada com o José Roberto Camargo de Souza, egresso da Escola de Desenho e Tecnologia que funcionava junto a atual Escola Técnica Estadual Bento Quirino, em Campinas, estado de São Paulo, onde obteve a certificação de Desenho Arquitetônico. Durante a entrevista, o depoente apresentou um relato das suas experiências como aluno da referida escola e de seu desempenho profissional em sua área de formação. Combinando, educação familiar, educação escolar e desempenho do exercício profissional, a entrevista nos permite entrever a importância da escola em sua vida pessoal e profissional, bem como reconhecer o papel da escola profissional em seu desempenho no mercado de trabalho.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 23 a 26 de agosto de 2021

Nome do transcritor: Américo Baptista Villela

**Américo Baptista Villela (ABV):** Bom dia, “seo” José Roberto, eh. Meu nome é Américo, eh, estou muito feliz de tá podendo trocar algumas ideias com o senhor, principalmente pra gente conseguir produzir um registro, algumas informações sobre a história da escola. Então, inicialmente, “seo” José, eu gostaria de estar apresentando ao senhor, o, o projeto, né? Eh, até porque a presente entrevista é parte do projeto de história oral desenvolvido pelo GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional – do Centro Paula Souza. E, nesse momento, em especial, nós temos como objetivo, né, estar recuperando as práticas, as experiências do ensino profissional que

incentivaram o empreendedorismo, a inovação, se é que elas existiram? E como é que elas funcionaram? Bom, nesse sentido, eu gostaria de iniciar a nossa entrevista pedindo para que o senhor se apresentasse. O senhor falasse a filiação, eh, o local de nascimento do senhor. Como é que o senhor chegou até a escola técnica?

**José Roberto Camargo de Souza (JRCS):** Bom, meu nome é José Roberto Camargo de Souza. Eu nasci em Campinas, em 26 (vinte e seis) de dezembro de 1945 (mil novecentos quarenta e cinco). Ah, morei em Campinas, meu pai morava, meu pai e minha mãe moravam em Ribeirão Preto. Meu pai era, era funcionário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, devido a situação financeira na época, eu, como primeiro filho, eu fiquei morando com a minha avó até os 8 anos de idade. Estudei, o primário, primeiro no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, primeiro, primeiro ano, depois eu passei para o Grupo Escolar Castorina Cavalheiro, onde eu fiz, eu terminei. Aquele tempo era, não era primeiro grau, acho que era grupo escolar. E, nessa época, eu mudei para Ribeirão Preto. Ah, e fui estudar na Escola Otoniel Mota, aliás, terminar o grupo escolar na Escola Guimarães Rosa em Ribeirão Preto. Ah, terminado o grupo escolar, prestei, naquele tempo tinha aquela espécie de vestibular para entrar no ginásio. Eu fui estudar, passei e fui estudar no Otoniel Mota, mas eu não era muito exemplo de aluno estudioso não. E, parei e como eu gostava de Desenho, eu saí e fui estudar na Escola Industrial, lá em Ribeirão Preto, que era a Escola Industrial de Ribeirão Preto, perto do bosque lá de Ribeirão Preto, e lá eu fiz o primeiro ano do curso de Desenho e Tecnologia, e aí eu voltei para Campinas, minha família voltou para Campinas. Meu pai foi transferido e aí eu terminei segundo e terceiro ano do curso. Naquele tempo a gente chamava de escola Bento Quirino, Escola Industrial Bento Quirino, mas dentro dessa escola tinha a área de Desenho e Tecnologia e o diretor era o professor Olavo, aí terminei esse curso em 1962 (mil novecentos e sessenta e dois). Comecei a trabalhar como autônomo, Desenhista, tal, ah, até que eu fiz a minha inscrição junto a Prefeitura como Desenhista autônomo, fiz alguns projetinhos e aí em 1968 (mil novecentos e sessenta e oito) eu entrei na Companhia Paulista de Força e Luz, mas como eletricitista. Trabalhei como Eletricitista até 1970 (mil novecentos e setenta). Aí me transferiram para a área técnica, e aí que a gente vai ver, ah, ah, ah, grande contribuição que a escola, que eu chamava Bento Quirino, que era na rua Culto à Ciência, em termos de conhecimento técnico, como exemplo saber escala, saber situação, desenho de ruas, desenho de galpões, eh. Muitas coisas eu usei com o aprendizado que eu tive na escola Bento Quirino com esse curso de Desenho Arquitetônico. Eu trabalhei nessa área até 1973 (mil novecentos e setenta e três). Me mudei para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, trabalhar na área técnica, como técnico especializado. Então mapas, escalas, como trabalhar com. Naquele tempo a gente ainda trabalhava com régua T, com aquela mesa, eh, curva francesa. Até tem uma brincadeira. Esses dias eu trabalho hoje na Secretária de Saúde, mas eu tava fazendo um, uma espécie de, de, de inspeção numa área onde houve um acidente e eu tinha que desenhar uma curva na rua, e eu fui fazer isso aí manualmente. Cheguei na área técnica e perguntei: “Vocês têm curva francesa, aí? Os caras ficaram dando risada. Rsrtrs Isso aí não existe mais. Não, me pertence! Mas no meu tempo era curva francesa, régua T, esquadro, quarenta e cinco, noventa, ângulos. A gente trabalhou com cosseno, seno, cosseno... Isso me, me ajudou muito. Porque depois eu fui fazer Escola Normal em Campinas, Instituto de Educação Aníbal, acho que Aníbal de Freitas. Em Campinas, eu fiz o curso científico. Fiz o curso científico de 64 (sessenta e quatro) a 68 (sessenta e oito), acho que foi. E depois, eu fiz ainda junto, a noite, eu fazia, eu fiz até o segundo ano normal no Instituto de Educação Carlos Gomes, aí em Campinas. E depois, eu, eu, eu continuei trabalhando nas áreas técnicas tanto da Companhia Paulista de Força e Luz depois em 73 (setenta e três) eu vim para cá, trabalhei até 2012 (dois mil e ..... doze) na área técnica da Companhia, antigamente CEMAT, hoje ENERSUL, como técnico especializado e o curso de Desenho Arquitetônico sempre me acompanhou. Sempre me deu subsídios pra minha, pra minha, na hora que eu tinha que trabalhar nas áreas técnicas. Eh, isso me ajudou muito, me ajuda até hoje. Porque, de vez em quando, ainda pego

alguma coisinha, algum trabalho, alguma, alguma, eh..., alguma ajuda na área técnica sobre alguma, algum problema. Porque quando eu vim trabalhar no Mato Grosso do Sul, eu fui depois, em dois mil e três para a Fundação Cultural Palmares em Brasília e lá eu trabalhava na titulação, na regularização fundiária dos territórios quilombolas e o histórico destas comunidades. Ai você tinha que trabalhar com área, com escala, com tudo que eu aprendi em 1962 (mil novecentos e sessenta e dois) e fui aperfeiçoando naturalmente. E depois voltei pra Campo Grande, onde eu moro hoje, e pelo INCRA ainda trabalhando na regularização de comunidades quilombolas também com mapas, aí relatórios técnicos, certo? Então tudo interligado com os primeiros, com a base que eu tive na Escola de Desenho de Tecnologia lá em Ribeirão Preto, na Escola Industrial, e, em Campinas, no Bento Quirino que tinha lá a área de tecnologia, desenho e tecnologia que eu apresentei o certificado ao senhor. Mas foi com muito orgulho, eu tive muitos bons momentos nessas escolas, o aprendizado foi grande, ah, ah, ah, direção dessas escolas procuravam orientar os alunos quando estavam com alguma dificuldade, sempre tive apoio extremo nessas escolas. Na Escola Industrial em Ribeirão Preto, e, no fim do curso, no segundo e terceiro ano, na Escola de Desenho e Tecnologia em Campinas. Eu sempre chamo de Bento Quirino porque é muito querido por mim. Então, hoje, eu não trabalho mais nessa área. Eu fiz o curso de advocacia, trabalho com advocacia e ainda na Secretaria de Estado de Saúde. Trabalho na área de pareceres técnicos de, e, e, na área jurídica da secretaria. Mas tenho algumas, vestígios(?), algumas lembranças e vestígios, ainda faço alguma coisa, aqui em casa, sobre essa escola. A escola que é de meu coração, a escola Bento Quirino de Campinas.

**ABV:** EH, “seo” José Roberto, teria duas perguntas pro senhor agora, mas vamos por etapa. A primeira delas, “seo” Zé, eu gostaria de saber como é que era, se o senhor se lembra como era a relação dos alunos com os professores? Né, assim, a questão da hierarquia, da disciplina, como é que isso funcionava? E, um segundo aspecto, um diferencial da escola Bento Quirino é que ela nasce já, desde 1927 (mil novecentos e vinte sete) como uma escola mista, o que era raro, né? Tendo em vista que havia escola pros meninos e escolas pras meninas. É, como é que se dava também essa relação entre os alunos? Vocês mantinham contato com as meninas, não tinham? Como é que funcionava isso?

**JRCS:** Naquela época, o curso de Desenho e Tecnologia, hoje já não é mais, era mais um curso frequentado por homens. Ah, sexo feminino quase não tinha, tinha uma ou duas alunas só, em uma classe de 20 (vinte), 30 (trinta) pessoas. A relação era muito boa, respeitosa, o senhor lembra, o senhor é desse tempo, que na escola a gente respeitava os professores. O professor entrava na sala de aula, a gente levantava, fazia reverência ao professor, respeitava tinha uma hierarquia que era seguida, que hoje não é seguido mais. Os professores eram rigorosos, mas ao mesmo tempo, eh, dava uma total assistência aos alunos. Eu tive dificuldades, o professor pessoalmente, chegava na carteira, naquele tempo na carteira, naquela mesa de desenho, não é? Não era carteira, era mesa de desenho, certo? Pacientemente ensinava, dava detalhes: isso aqui é assim, você tem que fazer a casa, o pé direito dela é assim, as janelas têm essa medida, medida padrão, porta medida padrão, tal. Então, o desenho você faz assim, na sua planta você tem lá, ah, ah, escala. Na planta, você tem os cortes, você tem a fachada, você tem, então, todos esses detalhes em respeito a situação, você tem que pegar a situação da cidade, verificar a situação do imóvel, eh, trabalhar na escala para ver as ruas e situar o imóvel, certo? Então, em muita coisa, os professores eram dedicados, mas eram respeitados. Coisa que a gente não vê muito hoje na escola, mas eram dedicados, eu sei a dificuldade com que vocês passam hoje porque a educação mudou. Mas eram dedicados, os alunos eram respeitosos e eu fiz curso a noite, e a noite a idade dos alunos é maior, a responsabilidade dos alunos é maior, o respeito é maior, então fui um período maravilhoso e, quanto aos professores a capacidade técnica didática dos professores eram excelentes.

**ABV:** Perfeito, “seo” José, deixa eu fazer uma outra pergunta para o senhor. O senhor falou que logo depois de formado, o senhor se inscreveu como profissional autônomo na Prefeitura. É, como é que era a relação do mercado com os alunos egressos da escola?

**JRCS:** Olha, eu tive, no início, muitas dificuldades. Porque inexperiente, já existiam muitos Desenhistas na praça, pegava poucos serviços, e era, existia uma norma que era obrigado o Desenhista a se inscrever na prefeitura como Desenhista e eu fiz isso. Fiquei uns três anos ou quatro anos, antes, depois eu vim a trabalhar na Companhia Paulista de Força e Luz, né, em 1968 (mil novecentos e sessenta e oito), aí eu não trabalhei mais como Desenhista autônomo, mas sim um tempo como Eletricista e depois na área técnica, como técnico, aí sim trabalhava com desenho na Companhia Paulista de Força e Luz, certo? Então no começo foi meio cambaleante, eu acho que foi meio cambaleante, mas depois com a experiência, com a experiência que o curso me deu, com a base que o curso me deu, isso me serviu muito. Então, eu fiquei muito pouco tempo inscrito, cancelei a inscrição e fui trabalhar na Companhia Paulista de Força e Luz. Voltei a trabalhar com desenho e tecnologia quando eu passei para a área técnica, que eu era eletricista passei para a área técnica, daí até (???????) não 2012 (dois mil e doze) eu trabalhei com área técnica, na área de desenho e tecnologia e operações de sistemas. Sempre usando os conhecimentos aprendidos no curso de Desenho e Tecnologia em Campinas. Eu faço sempre questão de evidenciar, tanto é que esse certificado aqui, tá como relíquia, né? Então, eh, eu tive dificuldade como toda pessoa iniciante. Trabalhei algum tempo, um dos projetinhos que eu fiz inicial, isso já em 1900 (mil e novecentos), depois já de algum tempo. em 1900 (mil e novecentos), 2000 (dois mil), 1970 (mil novecentos e setenta), eu fiz um projetinho que eu acho que é meu querido. Eu morava na Rua das Nações 53 (cincoenta e três), eu já estava morando em Campinas há algum tempo e necessitava fazer um, um anexo na casa que meu pai havia comprado, e eu desenhista que fiz o anexo e o projeto. Eu fiz o projeto que dura até hoje, eu olho com carinho e isso aqui é graças a escola Bento Quirino que eu pude fazer isso aí pro meu pai. Atender um pedido do meu pai. Então eu só tenho a agradecer.

**ABV:** Deixa-me fazer uma pergunta pro senhor. Sou professor de história na escola e aí, eu vi o senhor falando muito das disciplinas técnicas, eh, além das disciplinas técnicas vocês tinham as disciplinas que hoje nós chamaríamos de núcleo comum? História, Geografia, ou era, o curso era focado na ...

**JRCS:** Focado mais na, na, na área técnica. Nós tivemos alguns, alguns, acho que eu me lembro, alguns tópicos que abrangia História, Geografia principalmente, né, mas não assim fazendo parte constante da grade curricular do curso.

**ABV:** E algum dos professores da área técnica mais marcou o senhor, influenciou mais? O senhor consegue se lembrar, “seo” José Roberto?

**JRCS:** A eu tive vários, não consigo se lembrar. Eu só consigo lembrar que foi uma pessoa que me ajudou muito foi o professor Olavo que era o diretor da escola.

**ABV:** Perfeito, tá. E, eh, uma outra pergunta pro senhor. Eh, essa formação que o senhor destaca do Desenho, né, ela foi muito importante para o desempenho profissional de senhor,

**JRCS:**(ao fundo) sim

**ABV:** mesmo o senhor tendo ido para uma outra área, é,

**JRCS:** Sim.

**ABV:** essa transição, como é que o senhor, foi tranquila? O senhor sofreu um pouquinho, porque fez desenho virou eletricitista depois foi para a área técnica.

**JRCS:** Voltei ao Desenho.

**ABV:** e como é que foi essa adaptação?

**JRCS:** Não foi difícil, só que aí, a gente trabalhava mais com situações, com rua, com escala. Então, coisa que a gente nunca desaprendeu. Não é, então não foi difícil. Foi até a, estou dizendo, a escola me ajudou. Me deu mais vantagem lá fora sobre algumas pessoas porque eu conhecia alguma coisa, algum detalhe técnico sobre desenho.

**ABV:** Tá, e foi importante. O senhor mantém contato hoje com alguns dos colegas que estudaram com o senhor? Estou perguntando isso pois....

**JRCS:** Não, não, não, já faz quarenta e dois anos que eu moro no Mato Grosso do Sul. Eu, eu só vou em Campinas e entro lá perto da ex-rodoviária e passo em frente e fico admirando a escola que ainda existe. Certo. É aqui que eu estudei Desenho. Eu acho que eu tenho até uma fotografia da escola. Não estou lembrado. Eu passei e tirei uma fotografia da escola. Aqui eu estudei, eu acho que eu tirei fotografia de todas as escolas que eu estudei em Campinas, então, aqui, é uma das bases do meu trabalho que eu ainda exerço. Exerço assim, agora trabalhando esporadicamente, agora estou trabalhando com remédio, na saúde. Rsrtrs, Só se alguém pergunta, alguma orientação, é assim, é assim, tal, mas não estou exercendo mais a função de Desenhista.

**ABV:** Perfeito. Eh, e, lá na escola, eh, é, os professores incentivavam vocês à inovação, a mudança, como é que funcionava isso, na, na questão da aprendizagem?

**JRCS:** Sim, ah, eles nos incentivavam primeira, a, a, o curso, primeiro ano, segundo ano, até metade do segundo ano, era coisas básicas. Noções básicas de Desenho, de Construção e tal, depois nós fomos trabalhar porque, como diz a, a, o curso, escola de Desenho Arquitetônico, então, trabalhava-se bastante na área de arquitetura e naquela época, 62 (sessenta e dois), 63 (sessenta e três), o senhor pode analisar, o senhor como historiador, é, o padrão de construção estava mudando. Aquele padrão tradicional antigo estava mudando, existia a tal de modernização dos projetos, das casas, e os professores nos orientavam nesse sentido, para modernizar. Eh, eu lembro até o tipo de telhado que a gente fazia, depois passou para um telhado que era só um triângulo, depois os telhados tipo ingleses, certo? Então, os professores sempre nos incentivavam a buscar inovações.

**ABV:** Perfeito, “seo” José. Tem algum assunto que o senhor gostaria de estar destacando ou alguma cena pitoresca, alguma coisa? Alguma recordação engraçada, das brincadeiras, ou era tudo meio militarizado?

**JRCS:** Não, não, não, a escola tinha um ambiente leve, apesar da, da, da, da rigorosidade, da dificuldade da matéria. Tinha um ambiente leve, eu não lembro de nenhum incidente acontecido, tanto em Ribeirão Preto como em Campinas, nas escolas em que eu fiz o curso. Então, eu não lembro, o ambiente era leve. Tinha muita coisa que eu esqueci porque já faz, 62 (sessenta e dois) já faz quase 50 (cinquenta anos) ou mais. Muita coisa. Risadas. A gente não recorda muita coisa. Mas eu tenho as boas recordações assim, eu tenho. Não tive nenhum, falando o popular, não tive nenhum perrengue nessas escolas. Sempre o tratamento foi excelente, de professor para aluno, o respeito foi mútuo e só tive a ganhar.

**ABV:** Deixa só eu fazer uma pergunta para o senhor, pra meu esclarecimento. No início da nossa conversa, o senhor usou uma expressão, que o senhor não foi um bom aluno, não foi um aluno modelo, eh. Por que que o senhor tem essa percepção? Porque eu...

**JRCS:** Ah, eu me conheço.

**ABV:** O senhor parece uma pessoa estudiosa.

**JRCS:** Hoje eu estudo bastante. Hoje eu estudo bastante, mas eu era um aluno meio malandro, tanto no, principalmente no ginásio. Era um aluno meio malandro. Eu lembro, gostava de, naquele tempo a gente falava enforçar aula. Eu lembro, esse lance eu não esqueço. Eu, eu não fui à aula, fui ver as meninas no jardim. Vê que, que, ... ficava brincando no Jardim Sete de Setembro, sentado no banco. A hora que eu olho do lado quem que tá lá? Olhando para a minha cara, meu pai.

**ABV:** Rsrs

**JRCS:** Imagina o que aconteceu. Risadas. Certo, mas era meio malandro, depois, o meu pai sempre foi um incentivador, pra que eu estudasse, pra que eu levasse a escola a sério. Fui aprender isso muito depois de, de, de uma certa idade. Tanto é que eu me formei em advocacia com quase cinquenta anos. Não é? Estou com 75 (setenta e cinco) para 76 (setenta e seis), me formei, e, e, o passado, a gente vai recordando e falando: pô se eu tivesse? Por isso que eu falo que eu não era exemplo. Se eu tivesse seguido o exemplo do meu pai, foi professor também, apesar de, e trabalhando também. Hoje eu estaria longe ou não? Mas os exemplos foram sempre bons. Mas eu era, achava que era muito esperto. Então, hoje eu me considero, considero que naquela época, eu não era um cara muito centrado em estudo não. Hoje eu leio bastante

**ABV:** É mais eu observo pelo desempenho acadêmico do senhor, quer dizer o senhor estudou em diferentes escolas, neh. Formou-se até em advocacia que é uma área, que a priori, não teria nenhuma relação, quer dizer...

**JRCS:** Não tem... nem com eletricidade, nem com o desenho.

**ABV:** é, mas este alicerce da educação, o senhor teve, né, quer dizer

**JRCS:** Tive, os cursos que eu tive, mesmo ginásio, grupo escolar, ginásio, sempre foram uns cursos de primeira linha. Mesmo no grupo escolar, naquele tempo a escola pública era o it<sup>1</sup>, era o quente, frequentar uma escola pública tinha um certo valor. Tanto nas escolas, eu tenho em embasamento tanto na área de desenho, na área de física, na área de matemática, naquele tempo, apesar de eu não ser um aluno nota 10 (dez). Mas o embasamento foi grande. Tanto é que quando eu fui fazer, depois de 20 (vinte) anos que eu tinha parado de estudar, eu fui fazer o vestibular e não tive dificuldades na área de português, matemática, inglês. Naquele tempo a gente tinha inglês rigoroso na escola. Eu lembro que não tinha jeito. Naquele tempo, não sei se o senhor pegou, a gente tinha português, matemática, ahn, ciências sociais, educação moral e cívica, francês, inglês, sociologia, certo? Artes, artes manuais, música, tinha dentista na escola, tinha médico na

---

<sup>1</sup> Expressão ou gíria muito utilizada nas décadas de 60 e 70 para definir uma pessoa diferenciada, com um certo charme ou magnetismo pessoal. Disponível em:

<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/it/1622/> Acesso em 24 ago. 2021.



escola, então, as escolas, naquele tempo, elas eram de primeira linha, principalmente as escolas públicas. E eu, a única escola que eu estudei, ahn, antes de me formar em advocacia, que foi a escola que não era pública foi o primeiro ano no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Isto em 1952, olha faz tempo, hein?

**ABV:** Sim.

**JRCS:** Risadas

**ABV:** Fazer uma última pergunta para o senhor, até por conta do horário aqui. Eh, a minha dissertação de mestrado é sobre os anos iniciais do Bento Quirino, de 1918 (mil novecentos e dezoito) até 1935 (mil novecentos e trinta e cinco). Neste levantamento eu trabalhei com o livro de registro de matrículas.

**JRCS:** uhu

**ABV:** Muitos dos alunos da escola período, de 18 (dezoito) a 35 (trinta e cinco), tinham pais ferroviários.

**JRCS:** Sim

**ABV:** O senhor falou que o pai do senhor também era

**JRCS:** Ferroviário

**ABV:** Ferroviário, Eh, tinha alguma relação da ferrovia com a escola, como é, qual? Como é que o senhor vê isso?

**JRCS:** Eu não sei se isso era inconsciente. Mas, lembro que os pais incentivavam a gente a fazer. Talvez porque naquele tempo a estrada de ferro era, era, era uma coisa muito importante. Fazer curso de desenho, fazer curso industriais, encaminhava os filhos nesse sentido. Eu não sei se, meu pai sempre me encaminhou, além desses cursos, pro curso também regular, como escolar, naquele tempo científico, normal, não é? Isso eu fiz junto, antes eu fiz a escola de desenho, mas o encaminhamento, eu lembro que eu tinha alguns amigos de meu pai, que os filhos, lá em Ribeirão Preto, que os filhos estudavam nessa escola industrial. Até foi uma das influências pra mim ir estudar nessa escola. Depois eu vim pra Campinas, escola Bento Quirino. Então, eh, naquele tempo a ferrovia era uma coisa importante nesse Brasil. Infelizmente, deixou de ser, mas eu acho que tem alguma coisa, consciente ou inconsciente, que os pais incentivavam os filhos a estudarem nas escolas industriais.

**ABV:** Perfeito! “Seo” José! Tem algum assunto que o senhor goste, gostaria de destacar que a gente não mencionou nesse momento.

**JRCS:** Não, não, não, eu, o assunto importante que é que me fez recordar estes bons tempos, foi conhecer o senhor, professor, e o professor Armando. Armando, quando eu falei com ele, tive em Campinas, estudei na Bento Quirino. Ele falou: O que? Você estudou? Falei é. Agora nós estamos na, na, aqui embaixo, perto do Cambuí, mas eu estudei lá na Culto a Ciência. Ele falou, tem um professor que está fazendo um trabalho e tal, você pode atendê-lo? Posso, não sei se eu posso ajudar muito não, mas eu posso atender. Então, o fato novo que aconteceu e importante foi conhecer, fazer recordar os bons tempos, com vocês, os dois professores da escola Bento Quirino. Foi um grande axé, eu falo que é axé, força e poder, ahn, conhecê-los. Foi uma honra!

**ABV:** Senhor José, eu que agradeço o senhor ter disponibilizado o tempo do senhor pra tá compartilhando essas experiências conosco e quero enfatizar que quando o senhor estiver em Campinas, vier a Campinas, ficaríamos muito honrado que o senhor viesse nos visitar, conhecer o prédio novo da escola, mas também poder olhar as imagens. Nós temos um acervo fotográfico muito bonito que retrata, ah, as condições dos alunos, os alunos em aulas de educação física, os alunos nas aulas de oficina, os desfiles, eh, e eu ficaria muito contente em recebê-lo, tá.

**JRCS:** uhn hu.

**ABV:** Em 2009, nós fizemos um encontro da turma que fez a mudança do prédio da rua Culto à Ciência, os alunos né, da rua Culto à Ciência para a, a, para o prédio atual, na avenida Orosimbo Maia. E eu sempre destaco, infelizmente a época possibilidade de gravação era muito difícil, nós não tínhamos os recursos, mas foi muito gratificante porque, eram senhores que quando voltaram para o ambiente escolar, mesmo sendo, já, voltaram a ser crianças. Eles reviveram, ahn, as mesmas brincadeiras

**JRCS:** Ahn, hã.

**ABV:** Foi uma situação muito interessante! Então quando o senhor estiver aqui em Campinas, fica registrado aí o convite para que o senhor venha nos visitar.

**JRCS:** Tudo bem! Eu estive aí o mês passado. Mês passado? É foi, mês passado, mas com esse negócio de COVID eu quase não sai. Nós moramos aí perto na Chácara da Barra. Você subindo aqui, é rua das Nações, onde mora minha irmã, onde eu fiquei hospedado, mas será um prazer a gente visitar a escola e recordar os velhos tempos.

**ABV:** Muito obrigado professor.

**JRCS:** Obrigado e um grande axé!

**ABV:** Axé! Fim

### **Descritores**

História oral na educação

Empreendedorismo

Etec Bento Quirino

Centro de Memória

Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira”

José Roberto Camargo de Souza

INCRA

Quilombolas

Américo Baptista Villela

Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Aurélio Arrobas Martins”

Técnico em Contabilidade

Escola Industrial de Ribeirão Preto

Direito

Historiador

Escola de Desenho e Tecnologia, anexa a Etec Bento Quirino

Desenho Arquitetônico

Fundação Palmares

Companhia Mogiana de Estradas de Ferro

Ferrovário

Escola Industrial Bento Quirino

Desenhista Autônomo

Desenho

Companhia Paulista de Força e Luz

Eletricista

Instituto de Educação Carlos Gomes

Curso Normal

### Dados Biográficos do Entrevistado



**José Roberto Camargo de Souza**

Fonte: Disponível em <http://www.ms.gov.br/servidores-aprovam-capacitacao-oferecida-pela-cgu-para-combate-a-corrupcao/> Acesso em 23 ago. 2021.

**José Roberto Camargo de Souza** é advogado e trabalha na Secretaria Estadual de Saúde do Mato Grosso do Sul. Nascido em 26 de dezembro de 1945, natural de Campinas, São Paulo, onde iniciou os estudos no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora tendo se transferido para a Grupo Escolar Castorina Cavalheira e, posteriormente, a Escola

Guimarães Rosa, em Ribeirão Preto, na qual concluiu o curso primário. Fez o concurso de Admissão para o Ginásio que iniciou na Escola Otoniel Mota, também em Ribeirão Preto, onde o curso de Desenho de Arquitetura na Escola Industrial de Ribeirão Preto, o qual veio a ser concluído da Escola de Desenho e Tecnologia, que funcionava junto a Escola Industrial Bento Quirino, em Campinas, no ano de 1962. Começou como trabalhador autônomo tendo sido contratado pela Companhia Paulista de Força e Luz, na qual desenvolveu as funções de eletricitista e técnico, da referida empresa,, até se transferir para a CEMAT – Centrais Elétricas Mato Grosso do Sul – , posteriormente, ENERSUL – Empresa de Energia Elétrica do Mato Grosso do Sul. Formado em Direito, passou a atuar na Fundação Palmares e depois INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – onde trabalhou com a regularização das terras de comunidades Quilombolas.

### Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo B Villela, em Sala de Aula, da Etec Bento Quirino, em 1994.

Fotografo: Aluna Lis Peres

**Américo Baptista Villela** é professor da Etec Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o Ensino Médio pela manhã e o Técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobias Martins”. Concluído o ensino médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de

Campinas onde obteve os títulos de Bacharel e Licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à Pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o Mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação 18 “O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em Campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. Organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

**Anexo** (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento assinado por José Roberto Camargo de Souza e pelo professor-pesquisador Américo Baptista Villela